

BRASIL 500 ANOS

Pico da Bandeira recebe indígenas

CLÁUDIA DO VALLE

Tombado como patrimônio natural e cultural da humanidade, o Pico da Bandeira será palco do maior encontro indígena em relação aos 500 anos do Brasil, que acontece hoje. Segundo o ex-diretor da Funai, João Geraldo Itatuiti, da tribo juruna, o programa será de índio mesmo, com direito a muitos rituais xamânicos. “É assim que nós achamos que o Brasil tem que ser comemorado, espantando os maus espíritos”, acredita Itatuiti.

Mas quem pertencer a uma outra tribo também poderá participar desta comemoração, que contará com uma média de 40 índios, das tribos guarani, xavante, pataxó e será administrada pelos caciques Sapain (kamaiurá), Tese-retê (xavante) e Jonas (guarani).

A subida ao Pico da Bandeira, feita pela primeira vez há três anos, conta com a participação de ecologistas, organizações não-governamentais (Ongs), índios, indigenistas e simpatizantes, que todo dia 4 de setembro, Dia da Juventude, sobem a montanha. O

objetivo da caminhada é chamar a atenção da juventude para a preocupação em preservar a ecologia. “Na nossa cultura, a árvore que foi preservada por nossos ancestrais tem que ser preservada por nós, para que nossos filhos a preservem também”, conta o índio Itatuiti.

Medindo 2.890 metros, o Pico da Bandeira é o ponto mais alto da Serra do Caparaó, entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, sendo um local historicamente especial. “Tem a maior biodiversidade da Mata Atlântica e foi lá que Dom Pedro II determinou que colocasse a bandeira do Império, no ponto, até então, mais alto do Brasil, em 1859”, explica Milton Bandeira, um dos promotores do evento e diretor da Ong Associação de Defesa do Direito da Arte e Cultura (Assdak). Hoje, o ponto mais alto do País é o Pico da Neblina (RR).

Para os índios, a Serra do Caparaó é a mãe das montanhas do Brasil, um local perfeito para a festa, sendo a única no litoral. “Ela faz parte da coluna vertebral do planeta. Ela fica no sentido Norte/Sul e o Himalaia no Leste/Oeste”, diz o

indigenista João Américo Perê. Para os estudiosos, o lugar é tido como a Montanha Sagrada Brasileira. “Pajés de várias tribos estarão acompanhando a serpente que se eleva ao alto. É no alto da montanha que as águias fazem seu ninho. E o encontro da serpente com a águia é um dos mais antigos símbolos de transformação da consciência. É o verdadeiro processo de entrada para o novo milênio”, argumenta o astrólogo José Maria Gomes Neto.

E os índios dão mais um motivo para a escolha do pico para a comemoração: na cultura indígena, acredita-se que em toda montanha existe um espírito adormecido, que deve ser acordado para proteger a natureza e preservar a espécie humana. Defender e preservar o meio ambiente, para mantê-lo ecologicamente equilibrado, é a missão proposta pelo encontro para as presentes e futuras gerações humanas.

Para maiores informações, pode-se contatar a Prefeitura Municipal de Dores do Rio Preto, coordenação de Turismo, no telefone (27) 551-3161/3157.

Alberto César Araújo



CULTURA

Os indígenas lutam para preservar a natureza para as gerações futuras

Documentação

Conteúdo: *Arquitura*

Data: *4/9/99* Pg. *52*

Class.: *97*